

09 de fevereiro de 1951

A Guerra Inútil

O homem é o escravo da esperança. Porque tornou consciente a força instintiva que o anima numa permanência de ímpeto pela própria defesa. É porque enriqueceu o espírito com a doce poesia da vida que a memória conserva e as horas amarguradas não conseguem apagar, ele é o animal mais rico de recursos íntimos, e por isso espera sempre, mesmo quando em torno a tempestade dança.

A sua sensibilidade possui, às vezes, uma profundidade profética, e ele antevê na opacidade do tempo o drama que se aproxima. Nem sempre, o que na distância, era vaga nebulosa adquire as linhas nítidas da realidade, e não raro a sensibilidade erra, a visão através do medo exagera ou deforma as coisas que a existência vai gerando no mundo.

Sem dúvida, não será agora possível precisar exatamente quando começou a circular pelo espírito dos homens a noção da existência, em seu próprio seio, de uma inquietação generalizada. Essa inquietação universal, diante de alguma coisa desconhecida que se aproximava, naturalmente não surgiu antes da primeira grande guerra, embora já nessa época que nos parece mais morta que o próprio princípio do mundo pela proximidade ainda sensível de seus fantasmas, as atividades de inteligência estivessem em plena efervescência renovadora. Deve ter sido entre essa e a segunda grande guerra que a expressão ganhou o privilégio do lugar comum na maioria dos comentários. Durante muito tempo essa expressão foi usada para designar o estado de espírito dos homens diante de um processo evolutivo que se acelerava e não raro adquiria aspecto de caos nas instituições atingidas. Esse espetáculo de renovações, às vezes impreensíveis, trazia como conseqüência a incerteza, um estado de pânico entre os observadores não preparados e daí a chamada inquietação universal em face

de um mundo que se modificava sem aparente justificativa nos moldes tradicionais.

Parece que hoje a expressão está em desuso, esgotado seu conteúdo num longo desperdício que acabou gastando sua significação primitiva. E no entanto nunca como agora a inquietação universal encontra sua razão de ser em face dos acontecimentos que estão se desenrolando em torno de nós. E nunca como hoje, os homens estão tão próximos uns dos outros, na partilha da sorte comum num mundo sem distâncias ao abrigo da técnica sem fronteira políticas pela densidade universal. Mais que em outras épocas, nesta existe e se justifica a geral inquietação.

Aos psicanalistas devemos uma afirmativa consoladora. As causas das guerras não residem apenas, no econômico, mas sem negar a este o seu papel evidente, devemos buscar na espessura da alma humana onde se acumularam as sedimentações do sadismo não realizado, o impulso psicológico para as guerras. É na densidade interior dessa existência coletiva recalcada pela disciplina mantida nos justos limites da ética pela prepotência de um superego policial, que os governos interessados vão buscar o ímpeto irracional para o combate.

Teorizando, poderíamos esperar que, em determinadas conjunturas, na alma dos povos não se acumulasse semelhante carga emocional, tão perigosa aos interesses contraditórios da vida, que contém em si, e para seu próprio equilíbrio, os germes eternos da sobrevivência e da morte. Poderíamos esperar isso, com essa nossa incorrigível tendência de nos aproximarmos cada vez mais de uma perfeição idealizada, sintoma talvez de uma fuga inconsciente, e que a distância que ainda nos separa dos anjos e nos subordina à terra, está sempre desmentindo.

Talvez neste instante em nenhuma dessas almas unânimes que animam as multidões do mundo, existia um impulso inconsciente de destruição capaz de facilitar a guerra. Mas basta que ergamos por um momento à cortina que oculta os grandes interesses em jogo, para experimentarmos em nosso íntimo um sentimento de pânico. Quando usávamos, ontem, essa expressão vulgarizada de inquietação universal, certamente estávamos exagerando, certamente estávamos fazendo como o homem que, sem nunca ter tido o mar nas suas retinas, contempla o ímpeto particular do arroio. Era isso, sem dúvida, que estávamos

fazendo diante do drama menor. Vivíamos a chuva de verão com o espanto reservado para as tormentas.

Na verdade, só agora aquela expressão encontra a sua profunda correspondência na realidade. Agora sim, estamos inquietos, e temos razões para isso. Em torno de nós tudo evoluiu e se transformou, se excetuarmos os sentimentos dos que ainda detém, no meio do naufrágio, os últimos privilégios. Arte, ciência, ética humana, tudo avançou ao longo de experiências nunca tentadas antes. E nunca, entre as conquistas do conhecimento e as da sensibilidade, entre o resultado das sondagens da alma humana e a poesia, entre a técnica dos laboratórios e a nua audácia do espírito foi tão grande e profundo a osmose necessária. E acima de tudo pela primeira vez na História, um acontecimento científico ameaça modificar bruscamente a economia do mundo.

Quando aqueles homens antigos quebraram os primeiros teares: quando aquelas mãos apedrejaram o pequeno barco a vapor de Fulton quando, coisa ainda de ontem, o cinema sonoro expulsou das platéias aquelas orquestras compostas de homens pobres que facilitavam o sonho anônimo com os arcos de seus violinos, quando... A história é longa demais para ser contada. E estamos inquietos agora porque as condições são outras. A realidade ainda desconhecida que vem se aproximando de nós e justifica a inquietação deste instante, não será mais como aquelas outras cujos fantasmas nos pareciam maiores quando vinham rompendo a bruma do tempo para ocupar nos quadros históricos a sua exata localização. Suas conseqüências já não serão semelhantes àquelas esparsas revoltas diante dos teares antigos apedrejando a tartaruga da primeira máquina fluvial.

Trata-se hoje do emprego prático da energia nuclear na indústria. Seus técnicos mais avançados já estão fazendo previsões e contam o tempo que ainda falta para que o progresso se realize com a docilidade da matéria domada. Alguns calculam em dez anos, outros em mais, outros em menos. Parece que realmente vamos ter em nossas mãos, tão hábeis para a complexidade das técnicas ()ísicas, e tão desastradas na construção do mundo social um instrumento capaz de modificar profundamente a estrutura econômica do mundo. É por isso que estamos inquietos diante do futuro próximo, pelas conseqüências fatais dessa conquista no terreno da produção. Porque não será concebível a detenção dessa capacidade industrial nas mãos de poucos. Estão inquietos os que hoje possuem

os meios de produção, e adivinham nas brumas de um futuro próximo essa ins()itável força de desenvolvimento social.

Naturalmente nós, que nada temos a perder, esperamos tranqüilos pelos acontecimentos, com essa curiosidade universal através da qual vamos saboreando diariamente a vida. Apenas somos levados a pensar, diante disso, na espantosa inutilidade da guerra que se prepara. Para que esse sacrifício de mais alguns milhões de vidas esmagadas? Amanhã a supremacia econômica nos mercados não terá mais sentido. O mundo melhor sobre qual gostamos tanto de falar, começará a ganhar forma o relevo, porque sua base terá se modificado no sentido de dar, a cada homem que tenha nas mãos o calor do trabalho, a parte que lhe toca na comunhão dos bens terrenos.